

Maria Luísa Gil dos Santos

Aluna de Mestrado da Faculdade de Letras da Universidade do Porto

O Ciclo vivencial do Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa

Resumo

O mosteiro de Nossa Senhora da Assunção, fundado em 1692 por D^a Maria Pereira, em Tabosa do Carregal, surge no contexto de renovação espiritual da Ordem de Cister dos séculos XVI e XVII. Destinado a recolher religiosas que desejassem praticar a Regra de S. Bento, reformulada por S. Bernardo, foi a última fundação da Ordem de Cister em Portugal.

Extinto em 1834 por Decreto de 28 de Maio de Joaquim António de Aguiar, aguardou a morte da sua última religiosa, em 1850, para encerrar definitivamente as portas sendo os seus bens integrados na Fazenda Pública Nacional.

A sua Igreja torna-se paroquial em 1852. Peculiar no seu estilo, traça e planta foi classificado de “Imóvel de Interesse Público” pelo Decreto nº 516/71, DG 274 de 22/11/1971.

Abstract

The Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção (Monastery of Our Lady of the Assumption) was founded in 1692 by D^a. Maria Pereira in Tabosa do Carregal. This institution emerged within the context of the spiritual reformation of the Order of Cîteaux in the 16th and 17th centuries. It was the last foundation of the Cistercian Order in Portugal destined to offer hospitality to religious women willing to live under the Rule of St. Benedict, as reformulated by St. Bernard.

Extinguished by Joaquim António de Aguiar by the Decree of 28 May 1834, the monastery awaited the death of its last nun before definitively closing its doors in 1850. Its assets were consequently integrated into the National Treasury.

The Church became parochial in 1852. Unique in style and design, it was classified as a “Building of Public Interest” by the Decree 516/71, DG 274 of 22 November 1971.

1. Introdução

O trabalho de investigação histórica cujo resumo anteriormente apresentámos, nasceu no seminário de Mestrado em História Moderna da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e foi orientado no sentido de estudar casos de “Presença e Acção das Ordens Religiosas no Norte de Portugal”.

Tinha-se celebrado em 1998 o nono centenário da fundação da Ordem de Cister e, sob a orientação do Professor Geraldo Coelho Dias, desejámos conhecer melhor esta Ordem religiosa, no seu ramo feminino, bem como a “(...) *região que foi o paraíso de Cister em Portugal, até que surgiu Alcobaça como pólo aglutinador da Ordem cisterciense no nosso país*”, como o próprio Professor refere na “Apresentação” que integra o trabalho “O Ciclo Vivencial do Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção” e que, generosamente, redigiu a fim de ser publicado pela Câmara Municipal de Sernancelhe em 02/02/2002. Esta data marcou-nos profundamente já que na cerimónia de lançamento do referido trabalho esteve também presente o conceituado e querido Professor Geraldo¹.

2. Fundação e enquadramento histórico-geográfico do Mosteiro

É sabido que os primeiros mosteiros femininos cistercienses fundados no nosso país, se deveram à acção e devoção das infantas D^a Teresa, D^a Mafalda, D^a Sancha, filhas de D. Sancho I, que fundaram mosteiros em Lorvão, Arouca e Chelas no séc. XIII². Ainda no decorrer deste mesmo século foram fundados os mosteiros de Santa Maria de Cós, S. Bento de Cástris, Santa Maria de Almoester e S. Dinis de Odivelas³.

Apesar de, inicialmente, o ramo feminino da Ordem não merecer qualquer atenção por parte dos monges cistercienses, várias senhoras piedosas se associaram em comunidade e se consagraram à oração e trabalho manual entrando gradualmente na vida religiosa como os homens. Assiste-se então, à proliferação de fundações monásticas em Portugal, tal como os documentos oficiais dos Capítulos Gerais da Ordem de Cister fazem referência. Contudo, quando se tratava de mosteiros femininos, estes, eram sempre filiais dos mosteiros masculinos que geograficamente lhes ficavam próximos. O elevado número de mosteiros fundados foi acompanhado pelo acentuado relaxamento espiritual dos religiosos e religiosas. Assim, no séc. XVI, empenhada em deter o dito relaxamento, a Congregação de Alcobaça procedeu à renovação espiritual da Ordem, que também se traduziu na restauração dos seus edifícios e edificação de outros. Surgem novas casas femininas das quais destacamos S. Bernardo de Portalegre, Santa Maria de Tavira, Nossa Senhora da Purificação de Moimenta da Beira, ligado juridicamente à Ordem Beneditina mas de observância cisterciense, Nossa

¹ SANTOS, Maria Luísa Gil – *Ciclo Vivencial do Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa*, Câmara Municipal de Sernancelhe, 2002, p. 13.

² OLIVEIRA, Miguel – *História Eclesiástica de Portugal*, Publicações Europa América, 1994.

³ COCHERIL, Maur – *Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1978.

Senhora de Nazaré do Mocambo e Nossa Senhora da Assunção de Tabosa⁴. É no contexto de reforma e recuperação espirituais que destacamos no séc. XVII, os mosteiros de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo, fundado em Lisboa, e Nossa Senhora da Assunção, fundado em Tabosa, conhecidos pela prática de uma rigorosa observância inspirada no movimento espanhol das “Religiosas Recoletas”, baseada nos princípios propostos por Santa Tereza de Ávila e S. Pedro de Alcântara. Estes mosteiros marcaram um período fundamental na história cisterciense portuguesa no seu ramo feminino. Distinguimos o mosteiro de *Nossa Senhora da Assunção*, que escolhemos como objecto de estudo, e que foi a última fundação da Ordem de Cister em Portugal. Situado em Tabosa, no concelho de Sernancelhe, distrito de Viseu e diocese de Lamego, foi fundado em 1692 por uma senhora de nome D.^a Maria Pereira, muito piedosa e com grande devoção pela virgem Senhora da Assunção e pelos patriarcas S. Bento e S. Bernardo.

Em 10/07/1689, após D.^a Maria Pereira ter dado conhecimento ao rei D. Pedro II que pretendia fundar um mosteiro no lugar de Tabosa, o rei mandou o Corregedor de Pinhel verificar se o dito local reunia as condições necessárias para autorizar a fundação proposta por D.^a Maria Pereira em suas terras⁵. Cumprida esta tarefa e decorridos quase quatro meses, em 15/11/1689, é concedida a autorização para a fundação do mosteiro, constando o respectivo “alvará de licença” do *Livro de Chancelaria mor do reino*, fôlio 77.

D.^a Maria Pereira era uma senhora abastada de bens e que após ter enviuvado pela segunda vez se dedicou à fundação de obras pias das quais resultou o mosteiro de Nossa Senhora da Assunção, no local onde morava, Tabosa. Em 22/04/1692 realizou-se a “*Escritura de Doação, Dotação e Fundação*” do mosteiro estando presentes para a sua realização D.^a Maria Pereira como primeira outorgante e, em representação da Congregação de Alcobaça, como segundo outorgante, estiveram presentes D. Diogo de Castelo Branco, abade do mosteiro de S. Pedro das Águias, e D. Manuel Coelho, abade do mosteiro de Santa Maria de Salzedas⁶. À data em que se realizou a escritura de fundação já se tinha iniciado a

⁴ GUSMÃO, Artur Nobre – *Os Mosteiros de Cister na Época Moderna*, “Lusiada”, Vol. III, nº 10, 1957.

⁵ B.N.L. Cod. 307. Trata-se de um documento que engloba uma *petição* de D.^a Maria Pereira à Congregação de Alcobaça para, em suas terras, fundar um mosteiro. Engloba os respectivos *despachos - régio e da Junta do Definitório* - sobre a *petição*; engloba a *relação de bens* que a fundadora doou ao mosteiro, o *Termo* que assinaram os Oficiais da Câmara, nobreza e povo do concelho de Caria e, ainda engloba as *cláusulas* estabelecidas entre D. Maria Pereira e a Congregação de Alcobaça para a fundação do mosteiro.

⁶ SANTOS, Maria Luísa Gil – “*O Ciclo Vivencial do Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa*”, Câmara Municipal de Sernancelhe, Sernancelhe, 2002, pp. 197-198.

construção de algumas dependências monásticas, custeadas pela fundadora com as rendas e bens que possuía⁷.

3. Relações e influências do Mosteiro de Tabosa com instituições religiosas e administrativas

A escritura de fundação do mosteiro de Nossa Senhora da Assunção mostra-nos as cláusulas acordadas entre D.^a Maria Pereira e a Congregação de Alcobaça e que foram consideradas para a admissão de religiosas e funcionamento do mosteiro. Trata-se de missas, sufrágios, bens de alma que a fundadora exigiu estabelecendo, também, o número de religiosas que o mosteiro podia integrar, a saber, vinte e cinco religiosas. Entre todas as condições estatuídas, D.^a Maria Pereira estabeleceu que a ela cabia escolher oito noviças que entrariam no mosteiro sem dote e, de entre as quais, duas seriam pessoas de sua família, isentas perpetuamente do pagamento de propinas.

As condições económico-sociais na época condicionavam o ingresso de jovens nos mosteiros já que estes exigiam elevados dotes que muitas vezes, eram impossíveis de pagar por famílias de menores posses. Constatámos, no entanto, que os oito lugares isentos de dote e propina reservados no mosteiro a noviças sem dote, foram sempre ocupados por jovens oriundas de famílias abastadas, exceptuando quatro casos cuja admissão foi accionada pela fundadora como forma de agradecer aos familiares das jovens os muitos favores que lhes devia.

O mosteiro de Nossa Senhora da Assunção foi muito selectivo no que respeita a jovens e senhoras que admitiu, vedando o ingresso a todas as oriundas de famílias com ligação a mouros, judeus, pessoas de raça negra e filhas ilegítimas.

A fim de acautelar o bem-estar das religiosas no mosteiro e preservar o futuro do complexo monástico, D.^a Maria Pereira deixou clara, na escritura, a forma como pretendia se viesse a fazer uso dos bens que lhe doava custeando igualmente as obras de edificação do edifício.

Todas as cláusulas estabelecidas mereceram o acordo dos abades de S. Pedro das Águias e Santa Maria de Salzedas, representantes da Congregação de Alcobaça. Assim, em 10/09/1692, chegou a Tabosa um grupo de religiosas vindas do mosteiro de Nossa Senhora de Nazaré do Mocambo, situado em Lisboa, e fundado por Frei Vivardo de Vasconcelos em 1652⁸. Estas religiosas viajaram até Tabosa sob a responsabilidade de Madre Agnes de Santa Teresa, fundadora espiritual do mosteiro do Mocambo, para em 13/09/1692 iniciarem na nova casa, uma vida claustral. Transpuseram para o mosteiro de Nossa Senhora da

⁷ B.N.L. Cod. 300. Fol. 203-208 v.

⁸ B.N.L. Cod. 1493. N.º1. Fol. 27.

Assunção os *Estatutos e Regra* praticados no mosteiro do Mocambo, acentuando mais ainda a vida de rigor e recolhimento.

A Madre Brites do Menino Jesus, secretária da comunidade religiosa do mosteiro de Nossa Senhora da Assunção, se devem informações preciosas registadas pelo seu punho, relativas a vários aspectos da vida quotidiana das religiosas no mosteiro entre 1694 e 1758⁹. Com base nos ditos relatos referimos alguns nomes de religiosas que se destacaram quer pela vida que levaram no mosteiro, quer pelo carácter de bem-aventuradas com que partiram deste mundo.

4. A Vida interna no Mosteiro de Tabosa e figuras salientes

A renovação espiritual do ramo feminino cisterciense no séc. XVII traduziu-se num acentuar do culto divino participado por todas as comunidades religiosas nos mosteiros, e que obedecia a um horário determinado ao qual se ajustavam as restantes obrigações quotidianas.

O mosteiro de Nossa Senhora da Assunção conhecido, como já referimos, pela rígida observância que as religiosas nele praticaram, integrou jovens e senhoras dispostas a viver uma vida de austeridade e disciplina, martírios e sacrifícios por amor a Deus. Foi necessária várias vezes a intervenção da Abadessa do mosteiro junto das religiosas que exageravam nas penitências praticadas, colocando a sua saúde e vida em perigo. Algumas partiram deste mundo como bem-aventuradas e, enquanto viveram no mosteiro foram autênticas esposas de Cristo com uma verdadeira vocação e grande fé.

O mosteiro de Tabosa reunia todas as condições para a prática de uma verdadeira vida de meditação e recolhimento. O isolamento geográfico a que estava sujeito não permitia às religiosas dispersar-se do caminho traçado em direcção a Deus. Contudo, as noviças, como em outros mosteiros, podiam abandoná-lo se esse fosse o seu desejo. Sem qualquer comodidade supérflua as religiosas viviam uma vida de oração e de trabalho acompanhada de grande vocação, por isso algumas se destacaram na vida interna do mosteiro. Destacamos como figuras que se salientaram as filhas de Francisco Botelho de Moraes, capitão da Vila de Torre de Moncorvo, homem culto e instruído. Trata-se de três irmãs que se destacaram no mosteiro, quer pela vida que nele viveram, quer pela influência que exerceram na comunidade e região em que o mosteiro se inseriu.

Em 01/05/1694 ingressaram no mosteiro de Nossa Senhora da Assunção as religiosas Madre Agnes (Inês) Maria de Santa Thereza e Madre Damiana Luíza de S. Jozé. Madre Agnes Maria de Santa Thereza exercitou-se na prática do silêncio como forma de exprimir a grande devoção que brotava de sua alma.

⁹ B.N.L Cod. 1254. “*Livro da Relação das Couzas Momoravens da Fundação deste Convento...*”.

Tinha muita devoção por Nossa Senhora e Cristo Crucificado e, quando faleceu em 21/03/1755, o seu corpo não adquiriu a rigidez própria de um cadáver.

Madre Damiana Luíza de S. Jozé tinha uma grande devoção pela Virgem Maria e tudo o que é sagrado. Desde tenra idade que evidenciava uma enorme vocação para a vida religiosa e se submetia a todas as penitências que lhe ocorriam como forma de se purificar dos pecados e se aproximar mais de Deus. Faleceu em 02/09/1758, mantendo-se o seu corpo flexível. O seu sangue foi usado pela população da região como remédio para curar várias doenças.

Em 13/07/1696 ingressou no mosteiro Madre Brites (Beatriz) do Menino Jesus, secretária da comunidade religiosa até à data de 30/04/1761 em que expirou. Com grande devoção pela Santa Missa e salvação das almas do Purgatório, a ela se devem vários relatos que permitem conhecer um pouco o quotidiano do mosteiro, a vida de pobreza e recolhimento das religiosas, a prática de uma observância rigorosa, que assentava na Regra de S. Bento, reformulada por S. Bernardo e inspirada na reforma que se iniciara em solo espanhol devida a Santa Tereza de Ávila e S. Pedro de Alcântara. Como outras religiosas que viveram em média 30 a 40 anos de clausura no mosteiro, estas religiosas faleceram com sinais de santidade e bem-aventuradas, encontrando-se sepultadas no claustro do mosteiro de Nossa Senhora da Assunção.

5. O Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção - património arquitectónico e cultural

A Ordem religiosa cisterciense vivia orientada para a vida eterna e desprezava a arte e o luxo que dela advinha, considerando-os supérfluos e fora dos seus propósitos espirituais. Os cistercienses fiéis aos princípios espirituais dos evangelhos reflectiam nas suas construções determinadas características que, assumindo peculiaridades de cada país, nos permite falar de uma “Tipologia Artística” cisterciense e de “um tipo de planta cisterciense”.

A análise das plantas dos mosteiros cistercienses, sobretudo os mais antigos do ramo masculino, permite verificar que obedecem a um determinado tipo de planta que integra a igreja - sacristia - biblioteca - sala do capítulo - refeitório - - oficinas - estábulos distribuídos em torno de um claustro e envolvidos por uma cerca.

No que respeita a mosteiros femininos existem em Portugal óptimos exemplos de grandiosos edifícios que se aproximam do tipo de planta descrito, mas existem também pequenos complexos monásticos de fundação tardia, que muito se distanciam do “modelo de planta” mencionado.

Cada comunidade religiosa, masculina ou feminina, adaptava os seus edifícios às condições específicas de cada região e particularismos dos terrenos de edificação de suas casas religiosas.

O mosteiro de Nossa Senhora da Assunção, situado num dos mais importantes núcleos de fundações cistercienses, Lamego, é uma obra do séc. XVII, nascida no contexto de renovação arquitectónica e artística da arte monástica em Portugal, a par da renovação espiritual dos religiosos e religiosas em consequência das decisões do Concílio de Trento e da constituição da Congregação de Alcobaça. Coincidindo com a chegada do *Barroco* a Portugal, o mosteiro integra uma igreja de planta simples, de uma só nave e sem transepto demarcado, mas com dois espectaculares coros que ocupam metade da superfície total da nave e nos quais as religiosas oravam, separadas da restante comunidade leiga que, no templo, assistia ao culto. Ergueu-se sob uma planta que dispõe a oeste da igreja as várias dependências monásticas, situadas em plano mais elevado que a própria igreja, apresentando-se assim, como excepção relativamente à “planta tipo” cisterciense, já que o habitual era ver as várias dependências localizadas em plano inferior ao da igreja e distribuídas a norte ou nascente desta. Não sendo uma obra de grande vulto como alguns mosteiros seus congêneres, foi peculiar desde as condições que presidiram à sua fundação, em 1692, até ao seu encerramento definitivo em 1850. Sujeito às especificidades topográficas do terreno que lhe foi destinado para ser edificado, atingiu dimensões razoáveis e causa grande impacto na localidade de Tabosa sob o ponto de vista espacial. Uma análise do que resta do edifício mostra-nos que terá comportado uma organização espacial digna de uma comunidade religiosa famosa pela sua rígida observância.

A igreja, de construção anterior às restantes dependências do mosteiro, iniciou-se em 1685. Com planta rectangular, apresenta uma só nave e sem transepto. O altar-mor está orientado a nordeste e coro a sudeste, característica dos mosteiros reformados.

O coro apresenta-se dividido em coro alto e coro baixo, separados do resto do templo por uma linda grade de madeira de carvalho que se reparte pelos dois pisos, dividindo-se em três sectores. No coro baixo observam-se dois confessionários laterais e ao centro uma pequena abertura pela qual as religiosas tomavam a comunhão sem que ultrapassassem a área do coro e estando sempre separadas do resto do espaço que constitui a igreja, aberta aos fiéis leigos (fig. 1).

A cobertura do coro apresenta-se bastante arruinada, mas capaz ainda de nos mostrar uma ou outra pintura alegórica. A encimar o coro alto, voltada para a nave da igreja, observamos uma bonita figura da Santíssima Trindade pintada em cores vivas que sobressaem lá do alto, despertando a nossa atenção. Neste coro guardam-se dois cadeirais monásticos constituídos por cinco assentos cada e com as respectivas estantes.

Todo o tecto do corpo da igreja está revestido por uma cobertura de madeira pintada com bonitos motivos alegóricos. No centro do tecto da nave observamos



Fig. 1

uma pintura representando Nossa Senhora da Assunção, padroeira da igreja desde a sua fundação.

O arco formeiro, habitual nas igrejas para separar a capela-mor do restante corpo do edifício, é revestido a talha dourada contendo representações alusivas à paixão de Cristo (fig. 2).

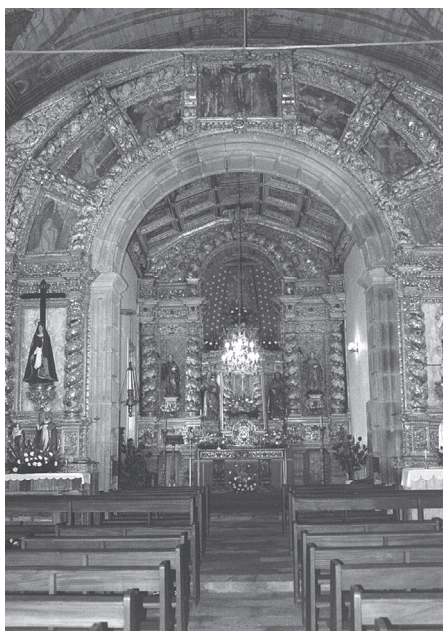


Fig. 2

A talha barroca ganha expressão máxima no altar-mor, emoldurando a imagem de Nossa Senhora da Assunção assente sobre um trono e ladeada pelos patriarcas S. Bento e S. Bernardo. Em plano ligeiramente inferior a estes estão os apóstolos S. Pedro e S Paulo (fig. 3). A cobertura do altar-mor, em madeira de caixotões, apresenta-se em relativo estado de conservação mostrando-nos mais de vinte alegorias bíblicas. Ainda a destacar no interior da igreja encontramos quatro bonitos altares. Dois situam-se na parede que suporta o arco formeiro e, para quem olha o altar-mor de frente, observa ao lado esquerdo o altar cujo tema



Fig. 3

principal é a “Paixão de Cristo”. Uma imagem de Cristo em madeira repousa num esquife emoldurado por pequenas gravuras em relevo e alusivas à simbologia da paixão – a coroa de espinhos; o cálice; os três cravos com que pregaram Cristo à cruz, a cruz; o chicote; o sudário com o rosto de Jesus impresso; as cinco chagas de Cristo; a espada que o trespassou; a escada para a descida da cruz; a esponja embebida em vinagre; os dados que lançaram para decidir a sorte da sua túnica e as célebres “Arma Christi”. Do lado direito do altar-mor um outro altar exhibe o Sagrado Coração de Jesus acompanhado por Nossa Senhora de Fátima e Santa Rita, enquadradas por talha dourada. Aproximadamente a meio da nave principal da igreja, observamos dois outros lindos altares – um dedicado ao Senhor crucificado, tendo a ladeá-lo S. Domingos e S. José, outro, o

mais peculiar da igreja, apresenta Nossa Senhora com coroa e o menino, envolta numa auréola de anjos alados, ladeada por S. António e S. João Baptista. Esta composição é encimada por uma bonita escultura em alto-relevo apresentando a cena da adoração dos Magos. De um dos lados deste altar, incrustada na parede, observa-se uma lápide com a seguinte inscrição:

No lado oposto ao de esta lápide situa-se uma pedra de armas que Gonçalves da Costa na sua obra “História do Bispado e Cidade de Lamego” atribui à família dos Carvalhos e Rebelo, relacionando-a com a fundação da capela da Senhora do Desterro de 1679, dotada por Domingos Rebelo de Carvalho e sua esposa.

ESTA CAPELA DE NOSSA/
A SENHORA DA LUZ/
MANDOU FAZER R^o(odrigo)
REBELO DE CARVALH/
E SUA MULHER MAR/
BL^aCO/m)MISAS/
OBRIGATÓRIAS.1632

Lápide. Igreja de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa

A igreja contém várias imagens de Nossa Senhora, distribuídas em lugares de destaque e que traduzem a devoção Mariana dos cistercienses. O acesso ao seu interior faz-se a partir da sacristia, à qual se passou a aceder através de uma porta situada na fachada principal do edifício, obtida alargando uma janela anteriormente existente.

A igreja do mosteiro foi iniciada em 1685, encontrando-se concluída e provida de todo o seu espólio interior em 1696. Na parede setentrional do espaço que encerra a sacristia, observa-se a moldura de um arco que outrora constituía uma abertura que permitia a passagem da sacristia ao claustro e que, consequência de intervenções feitas no edifício, actualmente se encontra obstruída.

No exterior do mosteiro observamos uma imponente fachada barroca que contrasta com os ideais de simplicidade e austeridade vividos no seu interior e que se opõe à simplicidade do “classicismo” que serviu os verdadeiros ideais espirituais da Ordem.

O claustro do mosteiro encontra-se muito arruinado, contudo, observam-se vestígios de uma varanda de chão em madeira que assentava em vigamento incrustado nas paredes que o enquadravam. Um segundo claustro é referido pelo autor Maur Cocheril em um dos volumes da sua vasta obra dedicada ao estudo de Cister, todavia nenhum documento relacionado com o mosteiro contém qualquer informação sobre o assunto. O estado de ruína em que o edifício se

encontra não permite indicar a sua possível localização ou, mesmo, provar a sua existência.

O conjunto de dependências monásticas de Tabosa tem a forma de um quadrilátero com a igreja a delimitá-lo a nascente. A norte, situam-se os campos de cultivo e, outrora, algumas dependências conventuais utilitárias. A oeste, situa-se parte da cerca que envolvia o mosteiro e, a sul, a monumental fachada do edifício que se abre ao estilo barroco contrastando com a austeridade da construção (Planta 1). Esta fachada apresenta um portal enquadado por pilastras caneladas que suportam um lintel encimado por um janelão ou espécie de varandim. As pilastras prolongam-se subindo a fachada, coroada por um grande frontão que alberga um nicho com a estátua de S. Bernardo e terminando num bonito jogo



Planta 1

de contracurvas. Um magnífico brasão com as armas da Congregação de Cister em Portugal sobressai nesta grandiosa composição (fig. 4).

Um imponente Mirante de dois pisos e quatro grandes janelões prolonga o edifício para a esquerda de quem observa de frente a composição monástica e um terraço ou outeiro, com um pavimento de grandes lajes de pedra, encerra a maravilhosa composição arquitectónica.

Ao mosteiro acede-se por uma escadaria ladeada por um pequeno muro coroado de pináculos em granito. A entrada do público no templo faz-se através

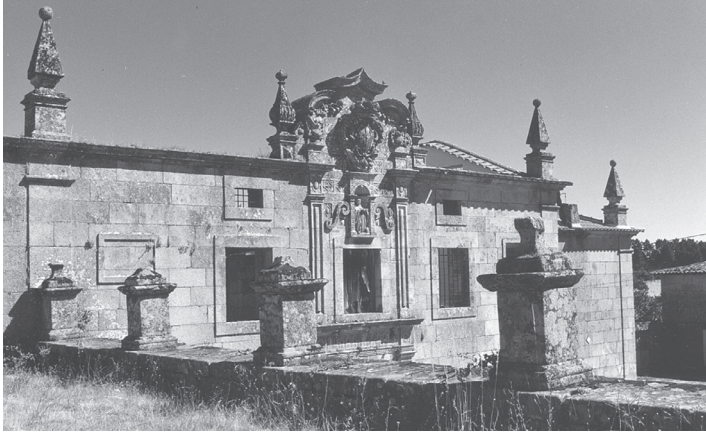


Fig. 4

de um portal de decoração mais simples, voltado a nascente. A decoração que o ornamenta mostra-nos um nicho que abriga a estátua de Nossa Senhora da Assunção, encimado por uma simples cruz (fig. 5).



Fig. 5

6. Vicissitudes do ciclo vivencial do Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção e seu encerramento

Existem poucos documentos sobre o mosteiro pois o seu espólio documental terá sucumbido às chamas de um incêndio que deflagrou no seminário de Viseu, em 1841, local que guardaria toda a documentação dos mosteiros da região. Todavia, da autoria de alguns bibliotecários da Congregação, encontramos algumas notícias avulsas que se referem ao estado de conservação do mosteiro, em finais do século XVIII.

Integrado no contexto de modas artísticas em voga no séc. XVII, registam-se no edifício alterações derivadas de várias intervenções efectuadas quer na sua estrutura quer na sua traça.

Sob a responsabilidade do Confessor Frei Francisco de Gusmão, em 1698 iniciou-se a construção da enfermaria e começou a extrair-se do solo uma fraga para se construir o terreiro frente ao mosteiro que, no entanto, só estaria concluído em Abril de 1702¹⁰.

Em 1701 concluiu-se o dormitório que se ligava ao coro através de uma porta, cuja moldura que a abrigou ainda é visível na parede do interior da igreja e, obstruída quando esta se separou do mosteiro tornando-se paroquial. Em 1702 iniciou-se a construção da escada de acesso ao mirante e mandaram-se fazer as grades para as suas janelas (fig. 6). Em Junho de 1703, iniciou-se o claustro cuja obra de pedraria só ficou concluída em Junho de 1704 (fig. 7)¹¹.



Fig. 6

¹⁰ B.N.L. Cod. 1254, fol. 74-75.

¹¹ Idem.



Fig. 7

No ano de 1737 terminavam as obras da conduta de água à cozinha do mosteiro. Em 24 de Agosto do ano de 1745, sob a responsabilidade do Feitor frei José de Almeida e do Confessor do mosteiro, Bento da Fonseca, concluiu-se a sala do capítulo, tendo sido gastos com esta obra, “sessenta mil reis”¹². Em 1750 registam-se no mosteiro obras de restauro e certos melhoramentos nas celas das religiosas, casa da feitoria e coro, portas e janelas da feitoria, as janelas da casa da tulha foram pintadas, os túneis e arreios dos machos consertados, adquiriram-se para a igreja e sacristia um jarro e uma bacia de prata e para a hospedaria compraram-se duas camas, e no coro colocaram-se novas cortinas¹³.

Em 1771, por ordem do rei D. José e do abade geral Dom Manuel de Mendonça, as religiosas foram transferidas para Setúbal, vivendo uma fase das suas vidas particularmente difícil já que viram as suas rendas e dotes aplicados na conclusão da igreja do antigo colégio de S. Francisco Xavier¹⁴.

A pouca informação que verificámos existir sobre o mosteiro levou-nos a uma análise minuciosa de todos os documentos que encontrámos, sobretudo os que se referiam a decisões tomadas em Alcobaça, em reuniões do Capítulo Geral no ano de 1777, por integrarem informações relativas a obras a realizar e etapas de construção do edifício monástico. Da terceira sessão capitular resultou eleito *Intendente de Obras*, Frei José da Fonseca e Castro, a quem coube a responsabilidade de iniciar a reconstrução do mosteiro e supervisionar as obras

¹² Idem.

¹³ B.N.L. Cod. 1254, fol. 75.

¹⁴ B.N.L. Cod. 1493 – “Quando lhe foram mudadas as religiosas para Setúbal além de se lhe vender e consumir todo o fundo das suas rendas (...)”.

de restauro do mesmo após o regresso das religiosas a Tabosa, a mando da rainha D.^a Maria I, ainda que sem quaisquer bens¹⁵.

As religiosas tinham encontrado o seu mosteiro muito arruinado, contudo o edifício reedificou-se pouco a pouco com as obras custeadas pela Congregação de Alcobaça que tinha criado a chamada “Arca da Caridade”, espécie de cofre monástico, cujo dinheiro reunido a partir do contributo dos mosteiros da Ordem que então gozavam de melhores condições, servia para socorrer os mosteiros em dificuldade de subsistência e, também, para a reedificação dos que se encontravam em ruínas.

A Congregação de Alcobaça esforçou-se por reconstruir os mosteiros que tinham sido encerrados no reinado do rei D. José. Porém, de pouco serviu tal esforço uma vez que estava próxima a data que acabaria definitivamente com as ordens religiosas em Portugal: 1834¹⁶.

Os últimos anos de funcionamento do mosteiro de Nossa Senhora da Assunção ficaram a dever-se às esmolas dos restantes mosteiros da Congregação, sobretudo aos mosteiros de Alcobaça, S. Pedro das Águias, Lorvão e Arouca. Tal como os outros, Nossa Senhora da Assunção seria desactivado, aguardando a morte da última religiosa para fechar as portas. Em 1849 encontrava-se em estado precário, nele vivendo uma religiosa já demente, acompanhada de uma criada que ia delapidando o património que restava¹⁷. Em 1850 é declarado o seu encerramento definitivo por ocasião da morte da sua última religiosa, D.^a Thomázia Rita. O que restava de seu património ficou sob a alçada da Fazenda Pública Nacional e vendido em hasta pública.

Com a implantação da República, o mosteiro em ruínas, os terrenos de cultivo, pinhais e soutos foram vendidos em hasta pública e adquiridos por um senhor endinheirado da região que se torna seu único proprietário¹⁸.

A igreja sobreviveu à morte de todo o conjunto conventual por se ter separado dele e se tornar paroquial. Desde então sofreu várias intervenções de remodelação e restauro, tendo-se tornado fisicamente independente do mosteiro e chamando a si uma população crente que a cuida. Nos anos setenta do último século perdeu os acessos que possuía a partir do interior do mosteiro obstruindo-

¹⁵ B.N.L. Cod. 720, “4º Livro das Actas e Definições dos Capítulos Gerais e Juntas da nossa Congregação Cisterciense, que se celebrarão neste Real Archimosteiro de Santa Maria de Alcobaça. Anno de 1756-1832”.

¹⁶ Decreto de 28 de Maio aos 30 dias do ano de 1834.

¹⁷ A.N.T.T., M. FAZENDA – “Ofício do Administrador de Caria e Rua ao Governador Civil de Viseu”. Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa. Cx. 2063.

¹⁸ Omitimos o seu nome e naturalidade por termos tido conhecimento que seus filhos e herdeiros são, ainda, vivos.

-se-lhe a porta que ligava o coro e o dormitório. Subiu-se-lhe em altura, uma parede meira às ruínas do mosteiro para lhe colocar uma cobertura capaz de deter a infiltração das águas da chuva. Foi-lhe feita uma nova entrada a partir da fachada principal do edifício monástico e ganhou uma antecâmara de acesso à nave principal. Recentemente, o coro alto e coro baixo foram cimentados encontrando-se ligados através de uma escada igualmente de cimento.

O conjunto monástico, ainda que propriedade particular, encontra-se arruinado e exposto ao desgaste do tempo, servindo de abrigo a plantas silvestres e animais. Os terrenos, no interior da cerca, alimentam bovinos e caprinos que após o repasto se acomodam em uma ampla dependência, também ela arruinada, mas que, a avaliar pelo que resta da sua cobertura interior, terá desempenhado importante papel na dinâmica estrutural do mosteiro.

A falta de interesse, capacidade e cuidado por parte das instituições de poder, responsáveis pela recuperação e preservação do nosso património cultural, levou o que restava do mosteiro ao mais brutal estado de ruína. Classificado de “Imóvel de Interesse Público” pelo Decreto nº 516/71, DG 274, de 22 de Novembro de 1971, surge por vezes designado de “Convento de S. Bernardo”, designação que lhe advém do facto de S. Bernardo ser a figura mais importante da Ordem religiosa de Cister. Localizado no actual concelho de Sernancelhe, distrito de Viseu, chegamos até ele pela estrada 226 que liga Aguiar da Beira a Moimenta da Beira, cortando em A-de-Barros pela estrada nacional 518 rumo à freguesia do Carregal. Nesta freguesia, no lugar de Tabosa, recolhido na encosta da serra esconde-se as ruínas do mosteiro de Nossa Senhora da Assunção, peculiar no seu estilo, traça e planta, última fundação da Ordem religiosa feminina de Cister que atrai a nossa curiosidade e perpetua o nome e obra de D^a Maria Pereira, sua fundadora.

Fontes e Bibliografia

1. Fontes Manuscritas:

1.1. Fundo Geral da Biblioteca Nacional de Lisboa

Cod. 300. – Tomo 2 310X200 Séc. XVI - XVII.

Cod. 307 – CDXXXIII/307. IIª Série. 312X215 Séc. XVII – XVIII.

Cod. 720 – Anno de 1756-1832.

Cod. 1254 – 210x152 Séc. XVIII

Cod. 1478 – Anno de 1783.

Cod. 1493 – 4. vols. 344x220 Séc. XVIII.

1.2 Arquivo Nacional da Torre do Tombo

LIVRO DE MANUSCRITOS DA LIVRARIA. Nº1828.

MEMÓRIA PAROQUIAL DE TABOSA DO CARREGAL, Dicionário Geográfico, Vol. 42, Tomo I, Memória 45, fol. 4.

I.A.N.T.T./AH.M.F. – M. FAZENDA. *Mosteiro de Nossa Senhora da Assunção de Tabosa*. Cx. 2063.

I.A.N.T.T./ A H.M.F. – *Mosteiro de Alcobaça*. Maço 4. Cx.131.

1.3 Biblioteca Pública de Évora

B.P.E. – Códice CIX/1-1. Peça nº 44. fol. 104 e 104 vº. “*Fundação do Mosteyro das Religiosas Recoletas da Ordem de S. Bernardo de Tabosa*”.

B.P.E. – Códice CIX/1-1. Peça nº. 45 Fol. 105. “*Relação da Fundação do Convento de Tabosa*”.

2. Bibliografia

COCHERIL, Maur – *Routier des Abbayes Cisterciennes du Portugal*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian/Centro cultural Português, 1978, p. 99-103.

MARIA LUÍSA GIL DOS SANTOS

- DIAS, Geraldo Coelho – “Cister no Vale do Douro”, *Irradiação da Espiritualidade e Cultura*, Ed. Afrontamento, 1999.
- GUSMÃO, Artur Nobre – *Os Mosteiros de Cister na Europa Moderna*, “Lusiada”, Vol. III, nº. 10, Porto, 1957.
- INVENTÁRIO DOS CÓDICOS ALCOBACENSES, 6 Tomos, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, I-II; II-V, 1932; VI, 1978.
- LEROUX, Gérard – *A Abadia de Nossa Senhora da Nazaré do Mocambo*, O Dia, Lisboa, 1985.
- LEROUX, Gérard – *Notice de Trois Soeurs, toutes Trois Moniales de l'Abbaye de Tabosa (Portugal), au XVIII siècle*, sep. de “Citeaux”, fasc. 1-4, 1993.
- MARQUES, Maria Alegria Fernandes – *Estudos sobre a Ordem de Cister em Portugal*, Coimbra, Ed. Colibri, 1998.
- MARQUES, Maria Alegria Fernandes – *Implantação e Expansão da Ordem de Cister em Portugal*. In “Itinerários Culturais Europeus: Colóquio sobre os Caminhos de Cister”, Alcobaca, s. d.
- MOREIRA, Ab. Vasco – *Terras da Beira: Cernancelhe e seu Alfôz*, Porto (Ed. Fac.-similada), Sernancelhe, 1997.
- OLIVEIRA, Miguel – *História Eclesiástica em Portugal*, Publicações Europa América, 1994.
- ROTEIRO Cisterciense do Norte de Portugal*. Ed. GEHVID, 1998.